
**RETÓRICA E *ETHOS* ACADÊMICO NO CAPITALISMO TARDIO:
O NOVO LIVRO DE JEAN PIERRE CHAUVIN**

Rhetoric and Academic *Ethos* in Late Capitalism:
The New Book by Jean Pierre Chauvin

Guilherme de Faria Rodrigues¹

CHAUVIN, Jean Pierre. *Da arte de (se) orientar [para Pós-Modernos e Geração Z]: Observando-se Preceitos da Retórica Antiga, da Etiqueta Moderna e do Utilitarismo Contemporâneo*. São Paulo: Editora Ponta de Lança, 2024.

... a sala de defesas participa da solenidade como cenário nobilitante. Nesse sentido, o local presencia uma série de códigos de conduta, rituais acadêmicos e procedimentos administrativos. Poder-se-ia afirmar que essa atmosfera aproxima a academia da corte.
Jean Pierre Chauvin

Um dos aspectos ideológicos dos mais fajutos na modernidade capitalista é assumir que os códigos de conduta, o decoro, a discricção e a performance pública norteada por parâmetros ordenados e pré-determinados sejam coisas do passado, do Antigo Regime da corte que caiu durante a Era das Revoluções. Sob este espectro, acredita-se que o advento do liberalismo teria dado ao indivíduo uma liberdade de ação e juízo, desprendida dos jugos farsescos da nobreza: a burguesia seria, nesse sentido, mais espontânea e livre para agir — palavras como “seja a melhor versão de você mesmo”, ou a

¹ Pós-doutorando junto ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH/USP.

busca por uma autenticidade individual(ista) vão para este lugar. Mas, como sempre, na miséria do capitalismo, nada passa de ideologia.

Em verdade, a vida moderna é repleta de códigos e performances que estão longe de qualquer aspecto que se possa chamar “liberdade individual” ou “autenticidade” — basta passar os olhos por textos como *O mal-estar na cultura* para verificar uma boa coleção de argumentos nesse sentido. Poderíamos também recordar como procede Julien Sorel, o protagonista de Stendhal em *O vermelho e o negro*, ao escalar em sua trajetória de alpinista social entre os meandros da burguesia e da corte francesas no tempo da restauração pós-napoleônica: sua hipocrisia o faz dominar os códigos de conduta deste tempo de início da modernidade burguesa, de modo a dobrar não somente a Marquesa de La Mole, mas todos aqueles que estão à sua frente. O caso de Proust é ainda mais patente, ao descrever ironicamente como a maneira dos Guermantes, a família tradicionalíssima de seu romance, familiados à corte de Luís XIV, passa de modo farsesco à pequena burguesia da senhora Verdurin e seu salão que atrai os nobres decadentes e excluídos da alta sociedade, como o barão de Charlus — ironicamente, um Guermantes cioso do histórico de sua família. A astúcia psicológica, porém, talvez seja o diferencial dos 1900 para cá: trata-se de naturalizar e internalizar os códigos, a ponto de o sujeito sugerir que existiria algum tipo de liberdade individual em escolhas ligadas à repressão da sexualidade, ao uso da linguagem e às formas do trabalho — novamente, uma breve passada nos escritos de Freud já demonstra uma série de argumentos apontando este aspecto ideológico.²

É com uma inteligente ironia, típica dos eruditos pré-modernos como Erasmo de Roterdã e o duque de Saint-Simon, que Jean Pierre Chauvin expõe em seu novo livro como o ambiente acadêmico é um destes em que os códigos de sociabilidade e discurso se podem fazer ver explicitamente; a tal ponto que a comparação com a corte se faz quase necessária. Neste curto livro, Chauvin emprega o estilo próprio das artes da corte que lemos em tratados como *O cortejo* de Castiglione para destrinchar como há um espírito de salão no ambiente acadêmico, que lembra em certo sentido os ares da nobreza do século XVII. Contudo, haveria algo fundamentalmente diferente, apontado desde o subtítulo da obra: na academia mistura-se um tanto de *retórica antiga*, *etiqueta moderna* e *utilitarismo contemporâneo*; o que produziria traços de comportamento que ora são farsescos, ora necessários.

Para chegar a este ponto, note-se que no capítulo 8 do livro, o autor produz um ótimo panorama da história da instituição oratória no

² Para citar apenas alguns dos mais famosos, cf. *O caso Dora; Introdução ao narcisismo; Psicologia das massas e análise do Eu; Eu, Id e Super-Eu*.

Ocidente, chegando a argumentar como a partir da modernidade do século XIX, a retórica passou por uma transformação significativa — e, a contrapelo do senso comum, ela teria se aprofundado (e não saído de cena) nos últimos 40-50 anos com o advento do neoliberalismo. Isso teria se dado, segundo o autor, pela cisão entre *técnica* e *arte*, o que faria da oratória chegar a um lugar de “aconselhamento meramente utilitário, aplicado em áreas tão distantes e distintas quanto a publicidade, a política e a autoajuda, em nome do pragmatismo capital *versus* o idealismo sonhador” (CHAUVIN, 2024, p. 69). Ao final, tudo funcionaria em favor de um complexo discursivo ególatra que tem como objetivo a autopromoção e ganhos financeiros gerais por meio de um carreirismo chão.

O que o livro de Chauvin faz é desnudar este fenômeno por meio de uma refinada ironia que traz um estilo de manual de retórica. A obra explícita de modo claro como a Universidade é tomada por ritos, condutas ordenadas, códigos bem demarcados que fazem parecer simples visualizá-los desta maneira. Assim, o autor emprega uma conceituação própria àqueles tratados pré-modernos — *ethos*, humildade, discrição, comoção, etc. —, denotando um estilo que remonta a Quintiliano e Cícero; deste modo há uma distinção das maneiras *apropriadas* de se orientar no meio acadêmico. “Apropriadas”, é claro, deve-se pensar, aos fins e modelos que sustentam esta vida nos tempos contemporâneos; e como aponta o próprio autor:

[...] a certa altura de sua mirrada existência, ainda há sujeitos que decidem se debruçar sobre determinado objeto que possa lhes render qualquer conhecimento, certa autoridade e, é claro, alguma verba na forma de bolsas, consultorias e outros trabalhos remunerados, decorrentes de sua mais nova *expertise*. (CHAUVIN, 2024, p. 16)

A contradição imposta no meio da Universidade pública, porém, não é pequena, e será observada pelo autor nas páginas finais de seu livro. Um ambiente em que se prezaria por maior horizontalidade é atravessado duramente por hierarquias estamentais e rapapés diversos. É verdade, contudo, que o dado da contradição parece ser fundamental à Universidade, enquanto pensada na modernidade após a Revolução Francesa. Isso também não deveria ser estranho ao Brasil, um lugar em que a ambiguidade e as contradições (dialéticas ou não) se expressam de maneira ubíqua aparentemente.

Criada como uma espécie de luxo da oligarquia, a Universidade brasileira se prestava a um tipo de figuração com matinês dançantes e concursos de sonetos — dados dos quais já ria Lévi-Strauss nos tempos das missões francesas na USP. Esse “departamento francês ultramar” tinha todos

os fundamentos de um ambiente completamente tomado por uma ideologia pequeno-burguesa — algo próprio aos paulistas até hoje — mas há algo de estranho ali: nas palavras de Antonio Candido, “isso pode parecer desfrutável e alienante; uma espécie de inútil faculdade europeia pousada superficialmente nos trópicos. Mas não era” (CANDIDO, 2007, p. 95). Veja-se que foi nesse mesmo ambiente que se desenvolveu uma atitude crítica “que suscitou antagonismos a ela mesma [a classe dominante]” (CANDIDO, 2007, p. 85), um lugar de onde saíram não somente Antonio Candido, Décio de Almeida Prado e Gilda de Mello e Souza, mas também Florestan Fernandes, Marilena Chauí, Vladimir Safatle, César Lattes — um físico de uma esquerda francamente radical (VIEIRA, 2019, p. 60) — e, claro, Jean Pierre Chauvin. Poderíamos lembrar da famigerada declaração de Zeferino Vaz sobre a Unicamp e suas tensões com a ditadura militar que começou em 1964: “Dos meus comunistas cuido eu” (frase também atribuída a Roberto Marinho). Ao mesmo tempo, a Universidade não deixa de oferecer uma série de entraves a um verdadeiro processo de democratização e redução de desigualdades, de modo que nela se reproduz essa sociedade de corte que é tão finamente demonstrada pelo livro de Chauvin.

Com a Universidade sendo forçada às contradições próprias do capitalismo de nosso tempo, não é de se estranhar que seus modos de reprodução material se tornem eles mesmos contraditórios. Chauvin lembra da leitura que Marilena Chauí faz da Universidade brasileira, que ainda hoje é vista como um meio de ascensão para as classes médias, ao mesmo tempo em que ela deve se adequar aos parâmetros de avaliação e gestão próprias às empresas do tempo do neoliberalismo, de maneira a atestar algum tipo de utilidade (CHAUÍ, 2016, *passim*). Tal dado teria feito com que, devido ao colapso do capitalismo tardio que vivenciamos e que tem levado junto este modelo de Universidade que conhecemos, fosse produzido um verdadeiro exército letrado de reserva num mundo precarizado do trabalho, já que “os empregadores passam a fazer exigências maiores aos candidatos a empregos, não em decorrência de uma necessidade real de instrução avançada, mas simplesmente em decorrência da disponibilidade de diplomados” (CHAUÍ, 2016, p. 69). É deste modo, inclusive, que se poderia sentir como os processos de avaliação internos e externos e a seleção de corpo docente por meio de concursos públicos estão totalmente tomados por tal modelo organizacional de grande empresa, atravessados por preceitos comportamentais de corte, que tem “o rendimento como fim, a burocracia como meio e as leis do mercado como condição” (CHAUÍ, 2016, p. 70): um certo tipo de produtivismo que rende pontuações inócuas de valores quantitativos, que beneficia e incentiva tal carreirismo chão mencionado acima, repleto de falsidades e hipocrisias próprias àqueles que querem angariar algum prestígio e alguma verba — e, por que não, uma carreira

política — num momento em que “procuramos sujeitar pesquisadoras e pesquisadores a escreverem de uma só maneira, como se estivessem no interior de uma redação de um *paper* infinito” (SAFATLE, 2024, p. 22). Para aqueles que estão fora, se faz necessário seguir a doutrina de Julien Sorel: aprender latim e decorar algumas passagens longas para se recitar na corte e no salão, na esperança de fazer-se senhor da mulher e de seu senhor; contudo, este espaço parece sufocado, cada vez mais fechado na medida em que se criou tal exército de doutores de reserva: não é estranho hoje que um concurso público docente para uma vaga em uma Universidade pública tenha sessenta, setenta, oitenta doutores inscritos.

Caberia lembrar, porém, como este modelo ao qual a Universidade se filiou é bastante instável, na medida em que o pensamento crítico que é produzido ali dentro parece tensionar ao limite suas estruturas. Este pensamento não costuma acabar dentro dos muros da sala de aula, mas atravessa sua comunidade, que se move em direção a transformações materiais — vide as recentes greves de estudantes e professores diante da situação de precarização de suas situações. Falamos juntos com Vladimir Safatle que aponta como a Universidade “é fruto histórico daquilo que ela mesma combate” (SAFATLE, 2024, p. 128); e por isso mesmo, seria necessário mover uma força crítica de desnaturalização do desejo, do trabalho e da linguagem que dominaram a Universidade — do modelo-empresa. Tal decomposição para uma reorganização passa pela violência de uma linguagem contra o senso comum, que desafia o *paper* infinito, uma ironia que explicita e tensiona este modelo, algo que nos traz o livro Jean Pierre Chauvin, como se explicita em sua máxima final: “É tudo fachada. Contudo, há bobos da corte que se levam demasiado a sério” (CHAUVIN, 2024, p. 97).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. Feitos da burguesia. In: *Teresina etc.* 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007. p. 89-98.

CHAUÍ, Marilena. Ventos do progresso: a Universidade administrada. In: *A ideologia da competência*. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016. p. 59-84.

CHAUVIN, Jean Pierre. *Da arte de (se) orientar [para Pós-Modernos e Geração Z]: Observando-se Preceitos da Retórica Antiga, da Etiqueta Moderna e do Utilitarismo Contemporâneo*. São Paulo: Editora Ponta de Lança, 2024.

SAFATLE, Vladimir. *Alfabeto das colisões: filosofia prática em modo crônico*. São Paulo: Ubu, 2024.

VIEIRA, Cássio Leite. *César Lattes: Arrastado pela história*. Rio de Janeiro: CBPF, 2019.

Recebido em: 5 ag. 2024

Aprovado em: 30 set. 2024